

## Formação e Projeto Social

Maria Inês Assumpção Fernandes\*

Revista *Cultura no Divã – Relações contemporâneas entre psicanálise e cultura*

<https://www.culturanodiva.com>

ISSN 2446-8282

### Artigo disponível online no endereço:

<https://www.culturanodiva.com/formacao-e-projeto-social/>

---

### Como citar este artigo:

Fernandes, Maria Inês Assumpção. Formação e projeto social. Revista *Cultura no Divã – Relações contemporâneas entre psicanálise e cultura* (ISSN 2446-8282), São Paulo, v. 1, n. 10, 1 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.culturanodiva.com/formacao-e-projeto-social/>>.

---

© Todos os direitos reservados.

\* Maria Inês Assumpção Fernandes é professora titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), com tese de livre-docência sobre Mestiçagem e Ideologia (2004). Docente desde 1977 no IPUSP, atuando na graduação e na pós-graduação, desenvolvendo projetos de pesquisa e extensão nas áreas de saúde mental, processos coletivos, grupais e institucionais, nestes últimos considerando-se famílias e casais, também coordena o Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social (LAPSO).

## Formação e Projeto Social

Maria Inês Assumpção Fernandes



Miriam Paternoster | *Inspired by Matisse Cut-Outs* | Itália | 2014 | colagem (interferências nossas)

A afirmação de Didier Anzieu (1923-1999) é, no mínimo, instigante: “é de toda formação o que Aristóteles havia reconhecido em todo governo. Não existe regime político perfeito em si; um tipo de governo responde melhor que outros, num dado momento, a um conjunto de condições geográficas, demográficas, econômicas e culturais dadas; mas todo tipo de governo, o mais adaptado que seja a essas condições, comporta germes de corrupção e tende a evoluir de si mesmo em direção a formas degradadas da vida política. Assim nascem, morrem e se transformam as puericulturas, as pedagogias, as concepções de formação de adultos, as retóricas”.<sup>[1]</sup>

Compreendendo a formação como inerente à constituição subjetiva, Anzieu nos convoca a pensar sobre a complexa e arriscada interação entre a construção de um projeto social/institucional e os modelos de formação a ele vinculados. As questões envolvidas na formação de adultos e nos modelos que proliferam hoje em dia são de diversas ordens. Elas dizem respeito à formulação de políticas em educação, às diferenças de implementação institucional, à conjuntura econômica. Os projetos de formação continuada e de formação técnica voltadas para o desenvolvimento de ações em instituições públicas, por exemplo, enfrentam o desafio de ampliar o acesso a novas tecnologias e sustentar o rigor necessário no processo de transmissão do conhecimento.

Sabemos que, do ponto de vista psicanalítico, toda formação que se propõe como fim a compreensão de si e dos outros encontra objeções. Estas evidenciam que a formação pressupõe que o *saber* e o *saber fazer*, na transmissão dos quais ela se organiza, vão funcionar nas pessoas formadas, independentemente de sua organização subjetiva.

Temos clareza que as fantasias captam, alteram ou paralisam os processos perceptivos e de cognição. A aventura formativa, nesse sentido, supõe a libertação do sujeito da posse dos objetos de fantasia sobre seu desejo. Para tanto, nessa experiência, a distância entre o desejo de satisfação e a satisfação obtida em realidade deve ser reduzida.

Essa redução e as garantias que ela traz passam pela descoberta e pela aquisição de uma técnica e pelo manejo de instrumentos de cuja utilização o próprio sujeito foi formado.[2] Assim, a assimilação da técnica – efeito esperado da formação nas instituições – é decorrência de um complexo processo de assimilação e elaboração o qual supõe que a formação torne possível o reconhecimento e o tratamento da demanda dos sujeitos em sua relação com a realidade psíquica, social e material.

Transitar entre um modelo técnico, ou seja, apoiado nas identificações conscientes que permitem um domínio sobre a realidade externa, e um modelo fantasmático, com a indispensável consideração da realidade interna, contemplando as identificações inconscientes, a dramatização do conflito entre desejo e defesa, leva-nos a operar sobre as perversões das formações as quais, nascidas de um dinamismo criador, se corrompem em aprendizagens, contentam-se com um *saber fazer* desprovido da crítica do *saber*. Em realidade, como efeito da formação teríamos mudanças não de paradigmas e de atitudes, senão de crenças. Como afirma Anzieu,[3] toda atividade de formação comporta uma face de trabalho e uma contraface de ilusão. A ilusão é tão inevitável quanto o trabalho, mas é somente porque perseguimos a primeira que nos engajamos no segundo.

## Notas:

[1] Anzieu, Didier. *Fantasme et la Fantasmatique de la Formation Psychanalytique*. In: Kaës, René; Anzieu, Didier; Thomas, Louis-Vincent. (1973) *Fantasme et Formation*. Paris: Dunod, 1984, p. 120; tradução da autora.

[2] Kaës, René. *Désir de Toute-puissance, Culpabilité et Épreuves dans la Formation*. In: Kaës, René; Anzieu, Didier; Thomas, Louis-Vincent. (1973) *Fantasme et Formation*. Paris: Dunod, 1984, p. 90.

[3] Cf. Anzieu, Didier. *Op. cit.*